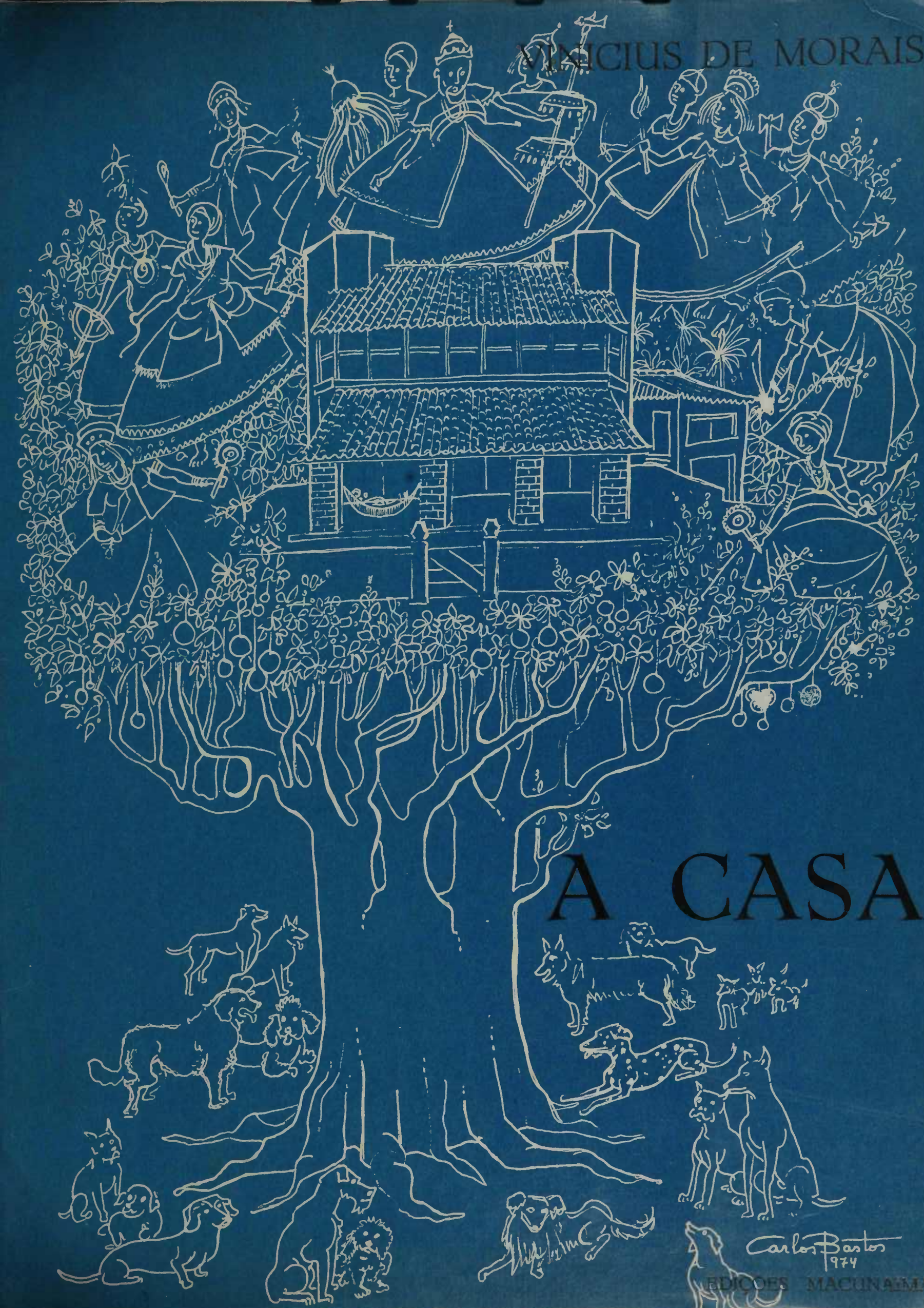
VINICIUS DE MORAIS

A CASA



Carlos Bastos
1974

EDIÇÕES MACUNAÍMA

Ie ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

AMARCORD
LIVROS
RUA CEZAR ZAMA, 180
LOJA II / BARRA
SALVADOR — BAHIA

VINICIUS DE MORAIS

A CASA

EDIÇÕES MACUNAIMA

Aí está, Amiga, a casa
Pronta, a porta aberta, a mesa
Posta: uma casa feita
De canções cantadas por todo o Brasil
(Com abatimento pra estudantes). Aí está ela
Amada, projetada sobre o oceano, e cujo silêncio
É perturbado apenas pelo marulho constante
Das ondas que espadanam rendas brancas
Nas negras rochas de Itapuã: "a pedra que ronca"
Segundo a língua-geral. Jamison Pedra
E Sílvio Robatto, os amigos arquitetos
Ambos baianos de boa cepa, fizeram
Um belo trabalho, com as duas torres laterais em hexágono
(Uma das quais é o teu solário) e os dois telhados superpostos
Em rampa suave, apontando o mar. Uma casa branca e brique
Com elementos azuis e nenhum **bric-à-brac:** alvenaria
Telhas coloniais, madeira, couro e vime só eles capazes
De resistir ao salitre que o vento atira feroz
Contra os metais. Uma casa
De amplas varandas de lajeota e muitas redes
Para o teu entregar-se à doce brisa atlântica
Que te enreda os cabelos: 400 m2 de área construida
Bastantes, creio, para o teu gesto e a tua dança
(E o teu invariável banzo das segundas-feiras).
Elisinho Lisboa, o engenheiro, deu-lhe
Um perfeito acabamento, e Francisco, o mestre-de-obras

E Jonas, o carpinteiro, foram seus mais fieis operários, comandando
Os alvaneis com grande zelo e competência. Uma casa
Baiana, feita por baianos, para abrigar
Tua baianice máxima, sonhada
Desde os idos cariocas, assim
A cavaleiro do mar e espraiada entre coqueiros
Que à noite parecem entregar-se a estranhas liturgias.
Construída em três níveis, tudo nela
É madeira de lei, desde
As grandes vigas e barrotes que sustentam o telhado em telha-vã do térreo e da varanda
E o destemeroso lance que sobe sem corrimão
Ao pequeno girau abalaustrado onde se acha a mesa de comer:
E do qual partem também a bela escada em degraus vazados
Que leva ao piso superior e os belos vitrais
Com que mestre Calasans Neto pacificou os interiores em íntimos tons crepusculares
Até o soalho de cima (tirante os forros de vinhático)
Tudo é puro pau d'arco
Que se faz cada dia mais fidalgo à medida que sucessivas mãos de cera
Lhe vão dando lustro e espelho. Sim, Amiga
Aqui nada pode o vento Sul
Contra a densa integridade desses átomos
E o salitre diverte-se apenas em corroer velhos objetos
De ferro ou de latão: a antiga máquina de costura
Que às vezes faz de bar, a grande âncora carcomida
Que fixa a casa em seu jardim, curiosos lustres, leves lamparinas
Compradas ao sabor de nossas viagens
Sobretudo a Ouro Preto; o mesmo vento Sul
Que tampouco permite que a paisagem de coqueiros
(E outras poucas árvores e plantas resistentes ao sal e ao Sol, e demais ventos)
Seja alterada pela mão do homem
Com arranjos vegetais, flores gentis e outras pequenas
Frescuras da natureza.
No andar de cima, como no térreo, todo
Aberto sobre as águas e as dunas de Itapuã em amplas janelas
De vidro temperado, os quartos de dormir
Convidam a fazer nada: e nada há de ser feito, Amada, nesta casa
Contra o instinto. Aqui há de ser sempre
Calções de banho, tangas e bermudas
Sandálias, pés descalços

Corpos cheirando a mar
De amigas e de amigos
Sorrisos claros, bocas satisfeitas
E a brisa subreptícia
Fazendo festa em úmidas axilas
Penetrando entre nádegas e seios.
Aqui, Amiga
Plantarei o meu sonho e a minha morte. E no pequeno
Escritório que dá vista pro Farol pintado em branco e ocre
Sentado à velha mesa espessa e corrugada
Como eu, pela vida e pelo tempo
Os olhos pousados nos horizontes azuis do mar-oceano
Conferente diário de auroras e poentes indizíveis
De beleza e amplidão, eu seguirei tentando
Descobrir como salvar o mundo, como
Justificar o homem, como romper os pórticos da Poesia
Como tonitruar a Palavra
Capaz de sacudir o trono dos tiranos
E fazê-los rolar como antigas estátuas depredadas pelas escadarias
Dos palácios: como estar sempre
Grávido de amor e de canções. E vendo ao alvorecer
Os pescadores caminhando sobre o mar com seus pés de jangada
Acenar-lhes meus votos de bom dia, bom peixe
E bom regresso. E vinda a noite
Ir tomando de leve o meu porrinho
De modo a disfarçar essa grande tristeza de saber
Que nada vai poder ser
Na minha vez e minha hora: saber que cada gesto meu
Perde-se num infinito de gestos que já eram
Apenas passado o seu instante; e por vezes
Chorar afagando a cabeça de "Meu", o nosso amado **terrier**
E o dorso elástico de nossos gatos siameses
Que vêm solidarizar-se, abanando o rabo ou se roçando em minhas pernas
Como quem diz: "— Aguenta a barra
Amigo, a coisa é essa. O negócio é amar muito
Com essa fidelidade que em nós, caninos, é intrínseca
E em nós, felinos, voluntária, dependendo, é claro
De bom trato e muita festa. " E ficar pensando
Que atrás de cada aurora se esconde

A face ansiosa da Vida e de cada crepúsculo
A máscara irônica da Morte, ambas à espreita
Ambas querendo cumprir a qualquer custo
Os seus fatais desígnios. E depois desses tolos pensamentos
E de induzir o sono em velhos filmes de televisão, ir deitar-me
Com o sentimento da fragilidade, da precariedade
Da inutilidade de tudo até que uma nova manhã
Me diga: Não! E então
Retomar o cotidiano, olhando o mar
Sem vê-lo, tentando advinhar as horas
Pela chegada e partida dos jatos, antecipando
A alegria de ir visitar Auta Rosa e Calasans, aí pelo meio-dia
Em sua casa da Rua da Amoreira, e mergulhar
Nas águas mornas de Itapuã, com direito
A uma cerveja na barraca de Pombo ou uma "batida"
Na de Galo; e de quando em quando, desafiando o diabetes
Um campari-soda no "Língua de Prata", acompanhado de "lambretas"
Pernas de siri ou camarões fritos no azeite.
Sim, Amada, aí tens a tua casa
Feita de praia e mar e Sol e ventos
E grandes ceus azuis e dunas brancas
E imensos coqueirais e muito sonho
E muita solidão. Tu a decoraste
Com o melhor do teu gosto, tua graça
Tua altivez e tuas artimanhas
De índia. Aí está ela. Toma-a
É tua casa, simples e concreta
Tua, só tua, imensamente tua
Para que nela vivas sempre nua
Com teu céu, com teu mar, com tua Lua
E o teu triste e amantíssimo Poeta.

Itapuã, 19 10.1974

Este livro foi editado
aos primeiros dias do mês
de janeiro do ano de mil
novecentos e setenta e cinco
da graça de IANSÃ
pelas Edições Macunaíma
com capa de CARLOS BASTOS
detalhe da planta baixa
de SILVIO ROBATTO e JAMISON
PEDRA E planejamento
gráfico de CALASANS NETO
sendo composto e impresso
pela S.A. ARTES GRÁFICAS
na Cidade do Salvador, Bahia
Constitue ele também uma
homenagem aos mestres-de-obra
LUIS DIAS e PEDRO CARVALHAES
que aqui aportaram no sequito
de TOMÉ DE SOUZA
e foram os primeiros a
se dedicarem à nobre arte
de construir casas.